

[*SIMBIOSE*,
DE NEIDA LÚCIA MORAES]¹

[*SIMBIOSE*,
BY NEIDA LÚCIA MORAES]

José Augusto Carvalho*
(*In memoriam*)

Neida Lúcia Moraes estreou na literatura em 1969, com um romance de fôlego — *Olhos de ver* —, em que, numa narrativa linear, não apenas defendia a necessidade da emancipação econômica feminina, mas também apresentava uma série de problemas sociais, como o da formação de filhos de pais desquitados, o da superstição alimentada pelo charlatanismo contra o bom senso de uma medicina séria, etc. No romance seguinte — *Sete é número ímpar* — a Autora modifica a técnica narrativa, utilizando dois narradores de 1^a pessoa, que se alternam na apresentação do relato, mas permanecem as preocupações de natureza existencial.

¹ CARVALHO, José Augusto. [Prefácio]. In: MORAES, Neida Lúcia. *Simbiose*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987. [p. 7-10].

* Escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) (1940-2025).

Neste *Simbiose*, a técnica (não linear) da narrativa é novamente alterada — o que mostra a permanente evolução da Autora como ficcionista — e se constitui numa inovação: vários romances dentro de um único romance misturam a realidade com a ficção, até a página final, quando o leitor descobre a atmosfera de ambiguidades “metaficcionais” em que se viu envolvido no decorrer da trama.

Quatro jornalistas — três homens e uma mulher — recebem o desafio de escrever, no prazo de um ano, um romance que retratasse a realidade política e social brasileira. A competição é amigável: não existem lutas entre os concorrentes. Mas cada um procura, em sua própria vivência, no seu próprio passado, o pano de fundo de sua história ficcional.

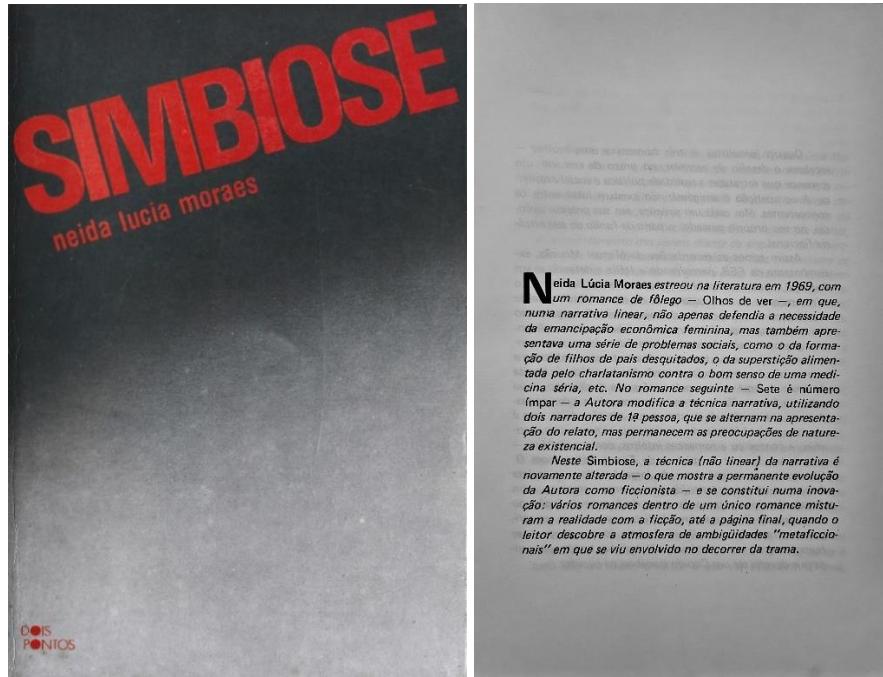
Assim temos as recordações de Manoel Mourão, ex-combatente da FEB, percorrendo a Itália e detendo-se em Portugal, com a companhia terna e amorosa de Pilar. E o leitor recorda com ele uma parte da nossa história, desde Washington Luís até os dias de hoje, e visita Portugal como um turista, aprendendo até mesmo a fabricar artesanalmente o gostoso queijo da serra; temos Eduardo, o outro concorrente, cuja noiva o trai com um aventureiro ambicioso e sem escrúulos, e em cujas recordações há a história bonita do amor de uma criança pela professora de desenho, e sua primeira frustração, ao ver-se incompreendido e desenganado na sua tentativa de mostrar a sua afeição. Aliás, esta é uma das várias histórias de encaixe, que se prestariam, sozinhas, a contos ou romances inteiros, como a de Vina — que é uma espécie de mistura de Teresa Batista e Dona Flor, personagens epônimas de Jorge Amado —, a mulata faceira, vendida e prostituída, mas valente e amorosa, além de sabedora competente das artes do forno e do fogão; ou a história de Zeca, o padre idealista que sonhava ser agricultor e fazendeiro no Brasil de hoje (o que chega a ser humor negro), ou a história de Norminha, traída pela amiga que deveria ser um Cupido e acabou na cupidez.

Nessa trama bem urdida, aproveita Neida Lúcia Moraes para discutir a nossa História, o nosso momento político e social, a realidade do quotidiano, o casamento, a necessidade de um filho para a união do casal, a mútua dependência de um cônjuge a outro — a simbiose que dá nome ao livro —, o divórcio, a traição, as injustiças sociais, o comportamento dos jovens diante da angústia, da frustração e da falta de sentido na vida que lhes transmitem os mais velhos, a estupidez da guerra e das ditaduras, e, sobretudo, as questões ideológicas do comunismo e do capitalismo, a luta de Gog contra Magog, do poder contra o povo, do deus descrente contra os ímpios, igualmente descrentes. E tudo isso mesclado com cenas bucólicas de um erotismo puro, sensual sem malícia, amoroso e belo, espontâneo e necessário, porque não gratuito, e importante para o traçado do perfil psicológico dos personagens.

Embora não procure renovar a linguagem, há, daqui, dali, alguns recursos de estilo que dão vivacidade à narrativa: os ecos ("Sílvia corada, esfogueada, se desculpava"), os parônimos ("degradado / degredado" — no caso Dreyfus), as frases nominais abundantes (com a sintaxe propositadamente desarticulada, para indicar o drama interior dos personagens), as enumerações, a narrativa diluída na fala dos personagens ou interligada a monólogos interiores. Tudo isso contribui para tornar mais leve a leitura e mais fascinante a trama deste romance de Neida Lúcia Moraes.

Mas se é um romance policial ou não, um romance psicológico ou não, um romance de amor ou não, ou se é tudo isso ou mais, o leitor é que vai descobrir. E terá, certamente, no virar da última página, a surpresa de um desfecho inesperado. O livro — dizia Guimarães Rosa, em alguma parte de sua obra — vale pelo muito que nele não deveu caber. Este romance de Neida Lúcia Moraes vale também pelo muito que nele coube.

Que o leitor decida por si mesmo.



Capa de *Simbiose*, de Neida Lúcia Moraes,
e página inicial do prefácio de José Augusto Carvalho sobre o romance.